

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*MANOEL FRANCISCO BRITO — *Diretor Presidente*ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

Inflacionários Anônimos

O ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, está convencido de que a estabilização de uma economia é tarefa política. É uma asserção paradoxal, vinda de um PHD da Universidade de Harvard. Mas na entrevista à *Veja* desta semana, o homem que domou a hiperinflação, reduzindo os índices no país vizinho a razoáveis 12% a 15% ao ano, insiste que o sucesso depende menos de técnica do que de liderança. O fator decisivo é o estadista que sabe definir rumos, tomar decisões e delegar tarefas.

O governo brasileiro segue atentamente a experiência argentina e não deixará de anotar alguns corolários de sua afirmação principal. Como o que reza que os problemas econômicos são semelhantes e as técnicas conhecidas de todo bom economista: difícil é saber como são tomadas as decisões políticas, como se aprova uma lei no Congresso, como se convence a opinião pública e os agentes econômicos de que o plano é para valer.

Podemos listar outras sugestões judiciosas. Em primeiro lugar, é imperioso definir claramente a responsabilidade de cada empresário na área que lhe compete tomar decisões, o mesmo valendo para os trabalhadores, governadores e parlamentares. Sem definições claras, cada um passa a se ocupar da vida do outro e negligencia seu próprio quintal. Em seguida, convém lembrar que a dolarização argentina e a prefixação de preços mexicana são detalhes de um objetivo estratégico maior, que inclui o combate à sonegação, a redução do déficit público e a conquista do equilíbrio fiscal.

Para Domingo Cavallo, cada sociedade tem de encontrar a forma de transmitir a seu povo que a moeda tem valor ou certo respaldo. Se não se financia o déficit público ou privado com emissão monetária, a moeda nacional passa a ter o respaldo da disciplina fiscal e dispensa a muleta de uma moeda estrangeira forte.

A experiência argentina indica igualmente que é mais difícil conquistar os políticos do que os empresários para um jogo com regras estáveis. Se convencidos de que o presidente da República e seu ministro da Economia têm capacidade para manter as regras desse jogo, os empresários se adaptam.

Para dobrar os governadores foi preciso fechar as vias de financiamento dos estados, impedir que os bancos estaduais financiassem os governos e limitar com rigor a emissão de títulos de dívidas estaduais. Só então foi possível aumentar os recursos tributários distribuídos pela União aos estados.

Toda a experiência recente argentina remete a uma urgente modificação na mentalidade da nação. A privatização, por exemplo, deixou de ser vista com uma transgressão antropológica e passou a ser vista como uma forma de abater a dívida do Estado e de estimular os empresários a investirem nas suas novas empresas e administrá-las de maneira eficiente.

É da maior importância uma observação do ministro argentino: a de que a superação da crise inflacionária não equivale à conquista da estabilidade econômica. Segundo Cavallo, "a estabilidade de uma economia é algo que se aluga, não se compra". O que equivale a dizer que só a adquirimos de maneira definitiva depois de perseverar muitos anos em matéria de disciplina fiscal e rigor monetário.

Livrar-se do espírito inflacionário é tarefa tão árdua e diuturna como curar-se do alcoolismo. Como fazem os alcoólatras anônimos, é preciso deixar de beber todos os dias — hoje, amanhã, depois de amanhã, durante meses, anos. Para sempre. O importante é definir o rumo e tomar a decisão.